

E.M. Professor Sebastião Vayego de Carvalho

Av. Ver. Rubens Mazieiro, 100 – Ouro Fino Paulista – CEP: 09442-700

Fone: (11) 4822-3137 / 4827-0948

E-mail: emvayego@hotmail.com

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

SEMANA: 6 (12 A 16/04)

NOME:	Nº:	SÉRIE: 8º ANO
PROFESSOR(A): MARIA KARDASH SALVADOR	CARGA HORÁRIA SEMANAL: 7H	
ENVIAR PARA: GOOGLE CLASSROOM/WHATSAPP	DATA DE ENTREGA: 16/04	
OBJETOS DE CONHECIMENTO/CONTEÚDO: TRABALHAR O GÊNERO CRÔNICA E SUAS CARACTERÍSTICAS. DISCURSO DIRETO E INDIRETO. INTERPRETAÇÃO DE TEXTO.		
HABILIDADE(S): (EF08LP14) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão sequencial (articuladores) e referencial (léxica e pronominal), construções passivas e impessoais, discurso direto e indireto e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual. (EF69LP44) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, fato expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas.		
ESTRATÉGIAS E RECURSOS: PLANTÃO DE DÚVIDAS PELO GOOGLE MEET, TEXTO EXPLICATIVO, VIDEOAULA, LEITURA DE TEXTO MOTIVADOR, ATIVIDADE ESCRITA, EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO.		
ORIENTAÇÕES: SEGUIR AS ORIENTAÇÕES EM VERMELHO. HORÁRIO DE ATENDIMENTO: DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA, DAS 8H ÀS 18H.		

COPIE A EXPLICAÇÃO DA MATÉRIA E OS EXERCÍCIOS. AS CRÔNICAS NÃO PRECISA COPIAR. NÃO IMPRIMIR. DEPOIS, ENVIE UMA FOTO DA MATÉRIA E DOS EXERCÍCIOS RESPONDIDOS. Link da videoaula: <https://youtu.be/S53Y1qThK3M>

O discurso direto e indireto na construção do texto

Vamos começar pesquisando a origem da palavra “discurso”.

O que é discurso? _____

Pois bem, nas produções de texto, temos 2 tipos de discursos: o direto e o indireto. São formas diferentes de citar a fala de personagens. Veja abaixo as características de cada um.

DISCURSO DIRETO

O discurso direto é aquele que representa a fala original do personagem. Geralmente, aparece depois de travessão, aspas ou em balões de HQs. Essa fala é colocada sem interferência do narrador.

Ex.: - Ei, cuidado! – disse o garoto – Você vai se machucar!



Autor: Quino Fonte: tribunadejundiai.com.br

“Pare de se preocupar com bobagens.”, disse o pai.

Percebeu que nos exemplos acima, temos DIRETAMENTE as falas dos personagens. Por isso o nome DISCURSO DIRETO.

DISCURSO INDIRETO

Já o discurso indireto é aquele em que a fala do personagem é contada pelo narrador ou por um outro personagem. Geralmente, é introduzido pelos verbos *dicendi* (aqueles que dizem: **disse, afirmou, relatou, perguntou**). Esse tipo de discurso é muito utilizado em textos jornalísticos.

Ex.: O policial disse que não tinham pistas do suspeito.

Ele perguntou se podíamos sair hoje.

Perceba que aqui a fala é contada por outra pessoa e não tem os sinais do discurso direto, como travessão e aspas.

Na transformação de um discurso para outro, várias mudanças ocorrem. Veja o quadro abaixo:

Discurso direto	Discurso indireto
Uso da primeira ou segunda pessoa: - Iremos à formatura. Você vai conosco? – perguntou a mãe.	Uso de terceira pessoa: A mãe disse ao filho que eles iriam à formatura e perguntou se ele também iria.
Se no discurso direto o verbo se encontrar: *No presente do indicativo - Terminamos a tarefa. – gritaram os alunos. * No pretérito perfeito do indicativo - Vocês já terminaram a tarefa? – perguntou o professor. * No futuro do presente do indicativo - Vocês não terminarão a tarefa em casa. – comentou a professora. *No imperativo - Terminem a tarefa! – insistiu o professor.	No discurso indireto ele deve aparecer: * No pretérito perfeito do indicativo: Os alunos disseram que haviam terminado a tarefa. * No pretérito mais-que-perfeito do indicativo O professor perguntou se os alunos terminaram a tarefa. * No futuro do pretérito: O professor comentou que os alunos não terminariam a tarefa em casa. *No pretérito imperfeito do subjuntivo O professor insistiu para que os alunos terminassem a tarefa.
Uso de pronomes demonstrativos de primeira pessoa - Esta tarefa está bastante difícil! – exclamou o aluno.	Uso de pronomes demonstrativos de terceira pessoa O aluno disse que aquela tarefa estava muito difícil.
Uso de verbo de elocução acompanhado de sinal de pontuação O professor disse: - Terminem a tarefa, alunos!	Ausência de pontuação O professor lhes disse para que terminassem a tarefa.

EXERCÍCIOS

1-) Passe do discurso direto para o indireto:

Ex.: O treinador disse:

- Você precisa treinar mais.

R.: O treinador disse que você precisa treinar mais.

2. Ele contou:

Eu não gosto desse bolo.

R.: _____

3. Simone disse:

Eu vou trocar o livro.

R.: _____

4. Minha mãe me disse:

Seu pai saiu há 10 minutos.

R.: _____

5. Bruna afirmou:

- Estou com sono.

R.: _____

2-) Leia com atenção as duas crônicas abaixo:

TEXTO 1

Na fila do supermercado – Marina Colasanti

Estava eu na fila do supermercado chegando à caixa com um carrinho cheio de compras, quando ela veio com algumas poucas coisas na mão e perguntou se podia passar à minha frente. Respondi, com um sorriso, que melhor seria ir duas caixas mais para lá, na fila de urgência para pessoas com poucas compras. Respondeu, quase com violência, que se ela quisesse ir para a outra caixa já teria ido, estava me pedindo para passar à minha frente, só isso.

A esta altura eu já começava a descarregar o carrinho, e me dei conta de que ela havia pedido permissão também a um jovem senhor que devia estar atrás de mim. O qual, incomodado com a violência com que ela havia me respondido, disse que agora, tendo sido ela grosseira comigo, não daria o seu lugar.

Ela fechou a cara, e permaneceu impávida entre o homem e eu.

Era vagamente loura, vagamente pálida, vagamente acima do peso. Não sei que idade teria, evitei olhá-la.

Logo, minhas compras haviam passado todas, eu ia tirando a carteira da bolsa. Então, algo rompeu-se dentro dela, e eu a vi espalmar as mãos na bancada de inox e gritar: "Não aguento mais! Não aguento mais!".

Abaixava e erguia a cabeça, dava socos na bancada, agitando o tronco. "Não aguento mais! — repetia aos brados — Estou cansada! Cansada! ".

Eu a olhava sem saber se devia abraçá-la, dizer-lhe alguma coisa, tentar apaziguá-la. Pareceu-me que não. Aquilo era um ato individual, um transbordamento que nada tinha a ver conosco, que de alguma forma nos ignorava. Não era um pedido de ajuda.

Ninguém se moveu, embora as cabeças se voltassem na sua direção. Os gritos dela ecoavam no supermercado. E os socos no inox. Entre as exclamações, em estilhaços de palavras entendeu-se que cuidava de uma irmã doente. Cuidava dela sozinha. Repetiu várias vezes "Sozinha!".

Os mais próximos se entreolhavam, sem saber se era um surto que necessitaria do atendimento de um profissional, ou apenas uma rachadura provocada por exaustão.

Alguém pediu água. Há sempre alguém que pede água quando outro alguém sai da normalidade. E a água materializou-se, copo de plástico trazido por uma gerente. Temi que ela o varejasse com a mão, mas nem o tomou nem o recusou, talvez, tão voltada para dentro de si mesma, não o visse. Mas, seja pelo copo, seja pelo gesto, a tensão pareceu baixar.

Disse ainda, agora falando mais baixo, que ninguém cuidava dela, que com ela ninguém se importava, era só trabalho e mais trabalho cuidando dos outros, tudo com ela, sempre com ela, e para ela nada.

A gerente perguntou onde morava, ofereceu-se para mandar alguém acompanhá-la até em casa. Ela sacudiu a cabeça negando companhia.

Respondeu, mais para si mesma do que para a outra, que estava na hora do almoço da irmã, que tinha que ir, que estava tão, tão cansada. Em seguida pagou suas poucas compras, e saiu para o sol da calçada.

Nós ficamos ali, deglutindo a cena através de comentários que só serviam para isso, para diluir aquela entrega involuntária, a visão dolorosa da ferida exposta. Ninguém tinha respostas a dar. Só perguntas, conjecturas e inquietação.

Tivesse eu dado a ela o meu lugar na fila, é quase certo que não haveria ruptura. Sem encontrar obstáculos, ela passaria pela caixa como qualquer outro cliente que compra e paga, sem que nada a distinguisse dos demais. Aqueles gritos, aquela revolta que sequer tentamos acalmar, teriam passado por nós insuspeitados, trancados num corpo de mulher semelhante a tantos. E, no silêncio do supermercado, não seríamos levados a refletir sobre nossa insuficiência frente ao sofrimento alheio.

TEXTO 2

O nariz (Luís Fernando Veríssimo)

Era um dentista respeitadíssimo. Com seus quarenta e poucos anos, uma filha quase na faculdade. Um homem sério, sóbrio, sem opiniões surpreendentes, mas de uma sólida reputação como profissional e cidadão. Um dia, apareceu em casa com um nariz postiço. Passado o susto, a mulher e a filha sorriram com fingida tolerância. Era um daqueles narizes de borracha com óculos de aros pretos, sobancelhas e bigodes que fazem a pessoa ficar parecida com o Groucho Marx. Mas o nosso dentista não estava imitando o Groucho Marx. Sentou-se à mesa de almoço – sempre almoçava em casa – com a retidão costumeira, quieto e algo distraído. Mas com um nariz postiço.

- O que é isso? – perguntou a mulher depois da salada, sorrindo menos.

- Isto o quê?

- Esse nariz.

- Ah, vi numa vitrina, entrei e comprei.

- Logo você, papai...

Depois do almoço ele foi recostar-se no sofá da sala como fazia todos os dias. A mulher impacientou-se.

- Tire esse negócio.

- Por quê?

- Brincadeira tem hora.

- Mas isto não é brincadeira.

Sesteou com o nariz de borracha para o alto. Depois de meia hora, levantou-se e dirigiu-se para a porta. A mulher o interpelou:

- Aonde é que você vai?

- Como, aonde é que eu vou? Vou voltar para o consultório.

- Mas com esse nariz?

- Eu não compreendo você – disse ele, olhando-a com censura através dos aros sem lentes. – Se fosse uma gravata nova, você não diria nada. Só porque é um nariz...

- Pense nos vizinhos. Pense nos clientes.

Os clientes, realmente, não compreenderam o nariz de borracha. Deram risadas (“Logo o senhor, doutor...”), fizeram perguntas, mas terminaram a consulta intrigados e saíram do consultório com dúvidas.

- Ele enlouqueceu?

- Não sei – respondia a recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos. – Nunca vi “ele” assim.

Naquela noite, ele tomou seu chuveiro, como fazia sempre antes de dormir. Depois, vestiu o pijama e o nariz postiço e foi se deitar.

- Você vai usar esse nariz na cama? – perguntou a mulher.

- Vou. Aliás, não vou mais tirar este nariz.

- Mas, por quê?

- Porque não!

Dormiu logo. A mulher passou metade da noite olhando para o nariz de borracha. De madrugada começou a chorar baixinho. Ele enlouquecera. Era isto. Tudo estava acabado. Uma carreira brilhante, uma reputação, um nome, uma família perfeita, tudo trocado por um nariz postiço.

- Papai...

- Sim, minha filha.

- Podemos conversar?

- Claro que podemos.

- É sobre esse seu nariz...

- O meu nariz, outra vez? Mas vocês só pensam nisso?

- Papai, como é que nós não vamos pensar? De uma hora para outra, um homem como você resolve andar de nariz postiço e não quer que ninguém note?

- O nariz é meu e vou continuar a usar.

- Mas por que, papai? Você não se dá conta de que se transformou no palhaço do prédio? Eu não posso mais encarar os vizinhos, de vergonha. A mamãe não tem mais vida social.

- Não tem porque não quer...

- Como é que ela vai à rua com um homem de nariz postiço?

- Mas não sou “um homem”. Sou eu. O marido dela. O seu pai. Continuo o mesmo homem. Um nariz de borracha não faz nenhuma diferença. Se não faz nenhuma diferença, por que não usar?

- Mas, mas...

- Minha filha.

- Chega! Não quero mais conversar. Você não é mais meu pai!

A mulher e a filha saíram de casa. Ele perdeu todos os clientes. A recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos, pediu demissão. Não sabia o que esperar de um homem que usava nariz postiço. Evitava aproximar-se dele. Mandou o pedido de demissão pelo correio. Os amigos mais chegados, numa última tentativa de salvar sua reputação, o convenceram a consultar um psiquiatra.

- Você vai concordar – disse o psiquiatra depois de concluir que não havia nada de errado com ele – que seu comportamento é um pouco estranho...

- Estranho é o comportamento dos outros! – disse ele. – Eu continuo o mesmo. Noventa e dois por cento do meu corpo continua o que era antes. Não mudei a maneira de vestir, nem de pensar, nem de me comportar. Continuo sendo um ótimo dentista, um bom marido, bom pai, contribuinte, sócio do fluminense, tudo como antes. Mas as pessoas repudiam todo o resto por causa deste nariz. Um simples nariz de borracha. Quer dizer que eu não sou eu, eu sou o meu nariz?

- É... – disse o psiquiatra. – Talvez você tenha razão...

O que é que você acha, leitor? Ele tem razão? Seja como for, não se entregou. Continua a usar o nariz postiço. Porque agora não é mais uma questão de nariz. Agora é uma questão de princípios.

RESPONDA:

A-) De qual crônica você mais gostou? POR QUÊ?

B-) Faça uma lista das palavras que você não conhece e pesquise seus significados:

TEXTO 1:

TEXTO 2:

C-) Coloque qual tipo de discurso predomina em cada texto e dê um exemplo para justificar:

TEXTO 1:

TEXTO 2:

E.M. Professor Sebastião Vayego de Carvalho

Av. Ver. Rubens Mazieiro, 100 – Ouro Fino Paulista – CEP: 09442-700

Fone: (11) 4822-3137 / 4827-0948

E-mail: emvayego@hotmail.com

DISCIPLINA: ARTE

SEMANA 6 (12/04 A 16/04)

NOME:	Nº:	SÉRIE: 8º ANO
PROFESSOR(A): JOYCE NEVES	CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2H	
ENVIAR PARA: GOOGLE CLASSROOM	DATA DE ENTREGA: 16/04	
OBJETOS DE CONHECIMENTO/CONTEÚDO: Contextos e Práticas: Arte e as sociedades: Pinturas indígenas: Povos: Canela-Apanyekrá, Asurini do Xingu e Mebêngôkre (Kayapó)		
HABILIDADE(S): (EF69AR33) analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design, etc.). (EF69AR31) - relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.		
ESTRATÉGIAS E RECURSOS: Leitura de imagem, texto e reflexão através de perguntas disparadoras; Imagens; Vídeos informativos; Vídeo aula gravada lançada no classroom e no youtube.		
ORIENTAÇÕES: Leia a atividade completa, assista os vídeos e responda. Registre com uma foto e envie no Classroom. Não envie no whatsapp. AULA gravada: toda terça-feira no classroom. Horário de atendimento: de segunda à quinta das 13h às 18h20. WHATSAPP-SOMENTE DÚVIDAS: 11 96100-7253		
ARTE E AS SOCIEDADES: Pinturas indígenas		
Nesta atividade conheceremos com exemplos as pinturas de três povos brasileiros: Canela-Apanyekrá, Asurini do Xingu e Mebêngôkre (Kayapó.)		
OBSERVE A IMAGEM A SEGUIR E RESPONDA NO CADERNO:		
<ol style="list-style-type: none"> 1- Com qual tipo de tinta você acha que essas pinturas foram feitas? 2- Como são as formas das pinturas? 3- Por que você acha que eles estão pintados? 4- Em que situação os não-indígenas costumam se pintar? 		
<p>Na imagem: pinturas corporais do povo Canela-Apanyekrá. Disponível em: <https://img.socioambiental.org/d/283098-1/canela_27.jpg>.</p>		
		

LEIA OS TEXTOS A SEGUIR

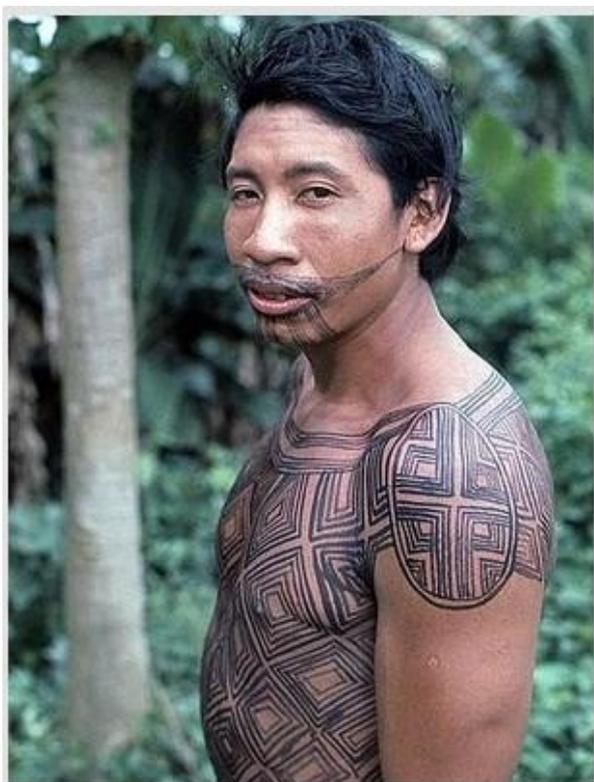
A pintura na arte nem sempre se faz nas telas, no papel ou nas paredes. Alguns povos como os **Canela Apanyekrá**, utilizam a pintura no corpo em situações como por exemplo, a da imagem acima, em que meninos apanyekrá aparecem durante o ritual de iniciação masculina. O povo Canela Apanyekrá produz suas próprias tintas com materiais naturais. Nesse caso, a pintura foi feita com a semente do urucum, também conhecida como colorau.

.....

Quem também utiliza materiais naturais na sua arte são os **Asurini do Xingu**:

“Os desenhos geométricos utilizados na decoração do corpo, da cerâmica, das cabaças e outros itens da cultura material **asurini** compreendem um sistema de arte gráfica, com uma gramática própria e cujo conteúdo se relaciona a diferentes sistemas de significação. Esses desenhos são estilizações de elementos de natureza, bem como representações de seres sobrenaturais ou elementos simbólicos, como *Anhynga kwasiat* (ser mítico que deu o desenho aos homens) e *i* (boneco usado nos rituais xamanísticos e que significa também "imagem", "modelo", "réplica do ser humano"), respectivamente.”

Fonte: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini_do_Xingu



Grafismo índio asurini-xingu



OBSERVE AS IMAGENS E RESPONDA:

5- Como são os grafismos produzidos por essas pessoas?

6- Com qual tipo de tinta você acha que esses grafismos foram feitos?

PARA ENTENDER OS ALGUNS GRAFISMOS DOS ASURINI DO XINGU, ASSISTA: <https://youtu.be/onah4R4uhUE>

Imagem 1- Homem Asurini com pintura corporal. Disponível em: <https://cpalexandria.files.wordpress.com/2012/04/pinturacorporal.jpg>.

Imagem 2: Mulher Asurini decorando um vasilhame cerâmico. Foto: Fabíola Silva, 1998. Disponível em: https://img.socioambiental.org/d/209724-1/asurini_xingu_14.jpg

.....

ASSISTA O VÍDEO SOBRE A PINTURA DO POVO MEBÊNGÔKRE-KAYAPÓ:

<https://www.youtube.com/watch?v=heX8lvvqWrk>



Imagem 1: Mulher se pinta de preto com extrato de jenipapo, pois seu filho completou um ano de idade e ela vai novamente participar das atividades cotidianas da aldeia. Foto: Gustaaf Verswijver, 1991.

Imagem 2: Mais de 700 indígenas participaram do grande encontro em Altamira (PA), organizado pelos Kayapó para protestar contra o projeto de construção de um complexo hidrelétrico no rio Xingu. Foto: Gustaaf Verswijver, 1991.

Povo MEBÊNGÔKRE Kayapó e sua luta por direitos:

“Nos anos 80 e 90, os Kayapó tornaram-se célebres na mídia nacional e internacional pela ativa mobilização em favor de direitos políticos, da demarcação de suas terras, e também pela forma intensa como se relacionam com os mercados locais, em busca de produtos industrializados. No curso dessa mobilização, rostos como o dos líderes Ropni (mais conhecido como Raoni) e de Bepkoroti (Paulinho Payakã), tornaram-se mundialmente famosos, clicados pela imprensa ao lado de artistas, personalidades e grandes chefes de estado. Suas aparições espetaculares em Brasília, durante o processo da Assembléia Constituinte, e a intensa movimentação desses líderes em articulações no Brasil e no exterior foram a marca do período.”

FONTE: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_\(Kayap%C3%B3\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_(Kayap%C3%B3))

ATENÇÃO:

ESCREVA AS RESPOSTAS NO CADERNO, TIRE UMA FOTO E ENVIE PARA A PLATAFORMA CLASSROOM COM NOME COMPLETO E TURMA. NÃO ENVIE NO WHATSAPP, A NÃO SER AS DÚVIDAS.

AULA GRAVADA: TODA TERÇA-FEIRA NO CLASSROOM.

HORÁRIO DE ATENDIMENTO: DE SEGUNDA À QUINTA DAS 13H ÀS 18H20.

WHATSAPP: 11 96100-7253